sobre a fundação da escola

IMPRESSÕES VARIADAS

carta convite da *stylus*

ESTIMADO Colega,

a *Stylus* gostaria de conhecer sua impressão sobre o ato de criação da Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano, as contingências sob as quais ele se deu e que importância tal fato coloca para a psicanálise lacaniana, como operação dirigida à experiência singular do sujeito frente ao real.

Atenciosamente,
Kátia Botelho de Carvalho

bernard nominé

PARA RESPONDER a questão da revista *Stylus*, vou falar o que foi para mim o momento de criação da Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano, em dezembro último. Um momento de emoção, certamente, mas, sobretudo, um momento de satisfação, considerando-se este momento como a finalização de um intenso trabalho, como o termo de um longo percurso.

Tudo começa para mim em Barcelona, em julho de 1998, em uma atmosfera de entusiasmo porque, ao sair da AMP, descubro colegas que, como eu, acabam de dar o passo que os libera de um certo fechamento. Podemos enfim falar, confrontar nossas experiências, não nos sentimos mais isolados como poderíamos estar quando nos calamos. Nossa pequena comunidade se constrói sucessivamente a partir de um certo reconhecimento; nós nos reconhecemos de bom grado uns aos outros sob o vocábulo com o qual nos apelidam: *Los Cubanos.*

A salvo das odiosas conversações prescritas pela AMP, saboreamos a liberdade de falar, sonhamos reconstruir o mundo psicanalítico, e o significante *fórum* se impõe para designar este novo espaço onde se discute nossa experiência de instituição analítica.

Os Fóruns do Campo Lacaniano se organizam um pouco por todo o mundo. Eu me lembro de nosso primeiro encontro internacional no Rio, em dezembro de 1998. Uma intenção se desenha, aquela de federar todos esses fóruns em um nível

internacional, e já germina a idéia de uma escola. Pessoalmente penso que nada pressiona para que a Escola deva ser um ponto no horizonte, tendo em mente que, se Lacan conseguiu fazer Escola, no nível da instituição, a Escola não cessou de ser para ele um objeto de insatisfação.

Um debate se instaura entre nós em torno da Associação e da Escola. É um debate sem concessões, ele faz aparecer as tendências, até mesmo as clivagens, no seio da comunidade internacional, que acaba, apesar disto, dando à luz um texto, produto de uma elaboração coletiva e de um voto sobre as proposições alternativas. É a Carta da IF, assinada em novembro de 1999 em Paris.

A idéia que a IF terá sua escola se precisa. Os Espaços-Escola se põem a trabalho e pouco a pouco os esquemas se perfilam. O passe internacional começa a se desenhar como dispositivo essencial a se partilhar entre as diferentes associações. Depois novamente nos encontramos no Rio, em abril de 2001, e um sério debate nos ocupa sobre dois modelos de escola que acabaram emergindo dos nossos trabalhos. A comunidade da IF pronuncia-se favoravelmente em favor do voto sobre os *Princípios diretivos para uma escola* e o voto tem lugar em julho. Isto não resolve as divergências, mas divide.

Ao me propor trabalhar no comitê provisório, encontro-me conectado a uma rede de onze colegas que devem principalmente se aplicar à redação definitiva das cláusulas de funcionamento dos *Princípios*. A tarefa parece árdua tanto mais que acreditamos nossos pontos de vista inconciliáveis. Entretanto aí nos colocamos, trabalhamos, realizamos trocas, cada um faz ouvir sua voz e esse trabalho resulta em um texto de proposições que são adotadas pela assembléia geral dos delegados da IF, em dezembro de 2001, em Paris. A Escola está criada.

Esse momento de criação é então para mim da ordem da prova. Provamos que era possível pensar coletivamente os princípios de uma escola de psicanálise.

É preciso dizer que, posteriormente a Lacan, que fundou sozinho sua escola, nosso projeto só pode ser tentar prosseguir na via que ele traçou. É porque me pareceu que nos desviamos dessa via que me desliguei da AMP. Não podia me decidir a obedecer servilmente àquele que pretendia ocupar o lugar do Um fundador. "Fobia do Um!" Tinha ele diagnosticado. Mas não! A fobia é sempre um recurso, um apelo ao significante mestre, ao *tigre de papier*.[1] Não se tratava de fobia, mas simplesmente de dar um passo ao lado, ficando insensível ao apelo de amor que o Um sempre suscita.

[1] Expressão francesa que diz de um adversário arrogante, mas inofensivo. (Nota da Tradutora.)

Hoje demos prova de que, órfãos do Um, podemos constituir uma comunidade fundada sobre um outro estilo de vida coletiva, uma outra relação com o saber, e isto supõe que admitimos que a elaboração do saber necessita de um cálculo coletivo.

Então o que eu formulo como voto para nossa nova escola, é que saibamos manter este espírito de debate e de elaboração coletiva, que saibamos resistir ao conforto do Um. Não estamos mais no entusiasmo dos cubanos do início. Já medimos nossas diferenças, experimentamos nossas dificuldades, o que não é uma razão para cruzar os braços. Alguns dentre nós crêem ver perfilar-se o retorno do mesmo. Mas a verdadeira repetição consistiria em concluir com o impossível e a se isolar em cenáculos para restaurar o conforto do Um.

Suplantamos as dificuldades inerentes a toda vida institucional, arriscamo-nos, introduzindo uma boa dose de democracia em uma comunidade estruturada por laços transferenciais, portanto essencialmente neuróticos. Agora nos resta fazer funcionar o que vai assegurar a dimensão propriamente analítica de todo o dispositivo, a saber, a Comissão Internacional da Garantia, que vai permitir àqueles que o quiserem fazer a experiência do passe.

Se eu dizia no preâmbulo que o momento da criação da EPCL marcava o termo de um longo percurso, poderia acrescentar que é um primeiro passo cuja seqüência resta a assegurar.

Transcrito e traduzido por Bárbara Guatimosim
Revisão da tradução: Cleonice Paes Barreto Mourão

ana martinez

Agradeço o convite de *Stylus* a intervir em sua seção de entrevista, pois me dá a oportunidade de transmitir algumas experiências que me surpreenderam em relação à criação da Escola do Campo Lacaniano, em dezembro de 2001. O aspecto do inesperado, imprevisível, não calculado nem calculável, assim como o montante e a qualidade do afeto que, no meu caso, caracterizou uma feliz experiência, os tomo como índice da presença do real neste evento.

Dois aspectos são os que quero ressaltar.

Primeiro a experiência de que algo verdadeiramente novo, inédito, se produziu em relação à dimensão institucional de Escola. Frente ao temor — que era o meu — de não ser suficientemente inovadores na constituição de uma nova Escola,

me encontrarei com a experiência em ato de uma comunidade que nada tem que ver com o vivido ao longo de tantos anos na AMP, o que me produz grande satisfação e esperança, sem deixar de ver também os inconvenientes.

Em segundo lugar, e estreitamente vinculado ao anterior dito, constatei com surpresa também, talvez pela novidade, a experiência de um trabalho verdadeiramente coletivo, não só pela participação de muitos — com exatidão de todos aqueles que quiserem intervir — mas sobretudo pela colocação em ato de uma interação autêntica, constatada pelo fato de que as colocação de uns incidiam nas elaborações de outros, modificando-as. Acaso isto não responde à lógica coletiva exposta por Jacques Lacan em seu escrito sobre O Tempo Lógico? Ali ele nos diz que "se bem que a pressa traz a verdade não se está senão sozinho, se bem não se é todos quando se toca o verdadeiro, nenhum no entanto o toca pelo outro".

Acredito que para o caso da Escola, a verdade que se trata de alcançar é o saber acerca do que é a psicanálise e o psicanalista — objetivo só apontável — mas em nenhum caso sem os outros.

Umas palavras sobre o funcionamento do Comitê Provisório. Foi uma experiência intensa e frutífera. Se cumpriram os objetivos e constatei que um funcionamento coletivo internacional é possível. Também aqui houve uma experiência surpreendente: funcionamos utilizando cada um seu idioma, e nos entendemos! O que não é sinônimo de estar de acordo, pois houve bastante debate e posições diferentes, o que não impediu depois alcançar finalmente um texto coletivo, aberto a discussão e modificações na Assembléia da IF.

Aproveito para saudar cordialmente todos os colegas do Brasil, e dizer-lhes que guardo uma grata recordação do encontro no Rio, em abril de 2001. A Odisséia Lacaniana, seguimos nela.

Traduzido por Delma Maria Gonçalves Fonseca

ângela mucida

Quando se pensa em um ato de fundação, como todo ato inaugural, a primeira idéia que advém é de um momento no qual algo se inicia. Obviedade que, descrevendo a realidade, deixa a descoberto o fato de que esse acontecimento foi precedido de um trabalho anterior, experiências acumuladas

e outros atos. Assim, não é possível um olhar sobre a Escola que se funda sem inseri-la no contexto atual de sua fundação. Não tão sós como Lacan em 64, muitos já marcados por experiências nas quais o fracasso traçou, muitas vezes sem tréguas, sua morada, outros com a aposta do novo, diria que o "clima" de 16 de dezembro de 2001 não foi de euforia ou de festividade. Isso é, a meu ver, um aspecto positivo, pois demonstra claramente que a história anterior de Escola não foi apagada e que é necessário que cada um saiba "onde e quando" se engajou nesse empreendimento, para lembrar de Lacan na Ata de fundação. Assim, mesmo com a acolhida da bela Paris, do brinde de champanhe, fotos e pequenos discursos, foi um ato marcado, a meu ver, pela percepção predominante de que tal engajamento tem conseqüências.

Outro ponto que me chamou a atenção, advindo como novo, foi presenciar, na Assembléia de votação dos princípios, a exposição de novas proposições, questionamentos de outras, com subseqüente alteração de um texto previamente definido pelos Fóruns através de seus delegados e representantes. Com certeza, se a democracia não é suficiente para sustentar uma Escola, não se sustenta o discurso analítico sem a mesma.

Se perseveramos, como Lacan, já que "a experiência feita convoca uma contra-experiência que a compense" (Carta da Dissolução), faz-se necessário escutar também com ele que é preciso "inovar", mas inovar em que sentido? Acho interessante situar, nessa direção, sua frase muito citada: "não espero nada das pessoas, apenas alguma coisa do funcionamento". Mas junto ao "nada" relativo às pessoas e a "alguma coisa" do funcionamento, ele continua em um tom conclusivo: "Portanto é preciso que eu inove, pois falhei nesta Escola, fracassando ao não produzir seus analistas (AE) à altura." Se não se espera "nada" das pessoas, espera-se algo dos analistas, espera-se que a partir da intensão algo possa inovar em termos do funcionamento e que esses se tornem responsáveis pelo progresso da Escola, não desconhecendo o real aí inscrito. Espera-se que essa Escola possa realmente garantir (garantia ao avesso) a relação de cada analista com sua formação, ou seja, analista de sua própria experiência.

Para concluir, diria que a fundação da Escola foi um ato porque, como ato, ela provocou conseqüências. Aliás, a própria circulação dos significantes em cena (criação da Escola) e todo o trabalho a eles acoplado já trouxe seus efeitos mesmo antes de sua fundação de fato, culminando não apenas com demandas decididas e não demandas de entrada na Escola de nomes

importantes dentro do movimento, e que têm dado provas efetivas de um trabalho analítico, como um certo empuxo de entrada na mesma. Sabemos que o empuxo não é suficiente para sustentar o trabalho de Escola contra o mal-estar da própria psicanálise e, muito menos, para sustentar ou se interessar pela psicanálise em ato.

Resta-nos, pois, depurar e analisar as conseqüências, retirando das mesmas inovações para o funcionamento. Nessa direção, Lacan nos oferece, entre outras, uma indicação, ao falar do funcionamento dos cartéis: que não se faça o Um, que se instaure um "turbilhão", *um movimento em hélice que lhes seja propício.* Que turbilhão seremos capazes de instaurar na Escola, em termos de funcionamento? Como fazer valer a transferência de trabalho advinda da tensão necessária entre intensão e extensão e ao autorizar-se a si mesmo? De que forma procederá a garantia? Quais seriam os trabalhos possíveis contra o mal-estar dentro do discurso analítico?

Das primeiras impressões, outras a serem discutidas, analisadas, postas em ato, lembrando que Lacan escreve o ato como falho, como em falso, que faz suspensão, que só se lê *a posteriori* e, enfim, como ato sintomático; "não é um ato que alguém possa se dizer inteiramente mestre" (*O ato analítico*, de 24-01-68). Pensá-lo assim seria um bom princípio para essa Escola que se cria.

antonio quinet

A CRIAÇÃO DA ESCOLA de Psicanálise do Campo Lacaniano foi a concretização de anos de trabalho intenso no âmbito dos Fóruns do Campo Lacaniano. Essa Escola começou a ser pensada, na verdade, desde a crise que estourou em Barcelona, em 1998. Ela começou a ser pensada *avant la lettre*, a partir da crítica às outras Escolas da AMP, como o que poderia ser uma contra-experiência.

Aqui no Brasil, foi efetuada uma avaliação crítica do passe, principalmente por uma comissão criada logo após a chamada CCP (Comissão Crítica do Passe), concomitante à crítica da escolha da política do Um da exceção das Escolas da AMP. Essa política teve conseqüências diretas e graves para a Escola Brasileira, como, por exemplo, a negociação constante gerada pelo Delegado Geral da AMP para a obtenção e distribuição do título de AME. Fiquei muito contente com o resultado da votação internacional dos Princípios da Escola, que considerou caducos todos os títulos conferidos pelas Escolas da AMP.

O processo de constituição da Escola foi um aprendizado em si. Verifiquei por mim mesmo a enorme diferença, em relação à constituição da EBP, de se constituir uma Escola em conjunto com efetiva discussão e votação democrática conseqüente, sem ceder sobre os princípios analíticos. O processo mostrou que isso é possível. Chegar ao momento de criação da EPCL em Paris foi um momento forte e emocionante. Por um acaso de circunstância coube a mim declarar a criação da Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano, causando-me surpresa ao me escutar em Paris fazendo essa declaração como porta-voz de nossa comunidade internacional. Chegar ao momento da criação da EPCL não foi propriamente surpreendente, foi esperado, querido. Naquele instante, olhei para trás e percebi todo o caminho percorrido nesses últimos anos. E todo o imenso trabalho que tive como representante do Brasil junto com os outros colegas, não só representantes das outras zonas lingüísticas, mas todos os que participaram intensamente do processo, pareceu-me pequeno e extremamente compensador em relação àquele momento de conclusão. Dei-me conta de que o processo funcionou, apesar de todas as dificuldades e, por vezes, descrédito de alguns em constituir uma nova comunidade internacional.

A última hora ainda nos reservou uma dificuldade: três colegas franceses que tanto apoiamos na crise de 1998 e que participaram ativamente do processo de constituição dos Princípios resolveram, sem dar nenhuma explicação, não entrar na Escola e formar uma associação paralela. Se com o real a gente se habitua, como diz Lacan, talvez a gente chegue a se habituar com as perdas (de amigos, colegas, pares) no movimento psicanalítico. A história da psicanálise nos ensina que elas são inerentes, embora contingentes.

Por outro lado, há, certamente, para cada um que votou nos Princípios, um ou outro (às vezes, vários) artigo no qual seu voto não foi majoritário e o artigo adotado não é, portanto, aquele que ele escolhera. E nem por isso o votante deixou de entrar na Escola. Essa conjuntura faz com que os Princípios da EPCL não sejam exatamente ideais para ninguém — há sempre algum artigo (aquele no qual não votei) que descompleta a Escola ideal. Criar uma Escola cujos dispositivos são internacionais é também um grande feito! E uma grande aposta! Fazer o passe com cartéis plurilingüísiticos e fazer funcionar uma comissão de habilitação (de designação de AME) em nível internacional é algo inédito na história da psicanálise! Ainda mais que a EPCL conserva uma proporcionalidade que garante

a presença, por exemplo, de sul-americanos no âmbito da Comissão Internacional de garantia responsável pelo passe.

A relação estabelecida entre colegas sul-americanos e franceses é, de fato, isto é, estatutariamente diferente da que havia (e, possivelmente, ainda há) na AMP, que se escandalizou e me criticou ferozmente (conferir, por exemplo, a crítica de Judith Miller à geminação Rio-Toulouse) quando defendi a reciprocidade nas relações entre brasileiros e franceses. A criação da EPCL foi um ato preparado dento da lógica coletiva e efetuado em conjunto, marcando um antes e um depois. Encerramento e abertura. Início de outro período, o qual estamos vivendo agora, de instalação dos dispositivos efetivos da Escola, para que ela possa começar a funcionar como tal. Muito resta a fazer. Trata-se de fazer a Escola existir, instalando, assim, os efeitos da própria prática psicanalítica no âmago de nossa comunidade. Que nossa comunidade seja dócil ao discurso do analista que da Escola advirá!

didier castanet

Gostaria de iniciar essa contribuição colocando-me a questão do que se pode esperar de novo com essa escola de psicanálise que acabamos de estabelecer após quase três anos de reflexão, debates, discussões e maturação. O trabalho cumprido nos fóruns desde o fim do ano de 1998 nos conduziu a esse ponto de criação, pois nós precisávamos dessa escola.

A escola que nós queremos é uma que, posta sobre o discurso analítico, esteja à altura do discurso analítico, uma escola da ética analítica. Por que precisávamos da escola? Claro, aí é a experiência que nos responde, nossa experiência de escola, e eu direi que era absolutamente necessário colocar no princípio de nosso funcionamento os critérios analíticos.

Nós estamos no momento em que as primeiras instâncias que vão permitir o futuro funcionamento da escola vão ser democraticamente eleitas.

A indispensável garantia

Parece-me, então, que a garantia é uma necessidade, pois ela repousa na questão do que funda a legitimidade do psicanalista ao mesmo tempo que a legitimidade da psicanálise.

Sabe-se já como o I.P.A. respondeu a isto: com os estandartes da análise didática, do ensino teórico e do controle.

Sabe-se, também, que é sobre essas questões de sua prática e do seu ensino que Lacan foi excluído do I.P.A. E é o que o conduziu a inventar um lugar de formação dos analistas

e uma garantia que fossem coerentes com seu ensino do que é uma análise.

As derivas da garantia são bem conhecidas. No I.P.A., isso era evidente. E isso foi também rapidamente na A.M.P.: a garantia a serviço do político.

Na nota adjunta ao ato de fundação, Lacan escreve: "*tem a ver com aqueles que, psicanalistas ou não, se interessam pela psicanálise em ato. É para eles que se abre a Escola, para que eles coloquem à prova seu interesse, não lhes sendo proibido disso elaborar a lógica.*"

Podemos, ainda, tomar a questão sob um outro ângulo.

Um analista pode desejar que outros analistas engajados numa mesma comunidade de experiência lhe reportem algo a respeito desse ato e da forma com a qual aí ele se engajou. Isso significa que uma escola reconheça que ele depende de sua formação. Nesse nível, trata-se sobre tudo, parece-me de uma garantia orientada em direção ao exterior. Uma escola garantiria, diante da sociedade, a qualidade profissional de tal analista. O que se pode pensar disso?

Sabe-se o que é a formação de um psicanalista? Sabe-se mesmo o que é um analista? Vocês conhecem esse discurso. Lacan não tomava as coisas assim. Há uma responsabilidade da análise no social que pode implicar ter que reconhecer como tais os analistas. É uma questão sobre a qual, em todo caso, nossa escola terá que se pronunciar.

Mas a questão da garantia em direção ao exterior não circunscreve toda a questão.

A questão refere-se, de fato, sobre o "se autorizar" sobre o que Lacan chama o "princípio da iniciativa do psicanalista". Muito se disse que esse "se autorizar" não é um preceito anarquista. Essa fórmula refere-se mais a uma falta de apoio inerente ao ato analítico em si.

Lacan elaborou, teoricamente, tudo o que concerne à garantia. Ela é solidária à sua concepção de tratamento. Nesse sentido, ela só intervém *aprés-coup*. Esse *a posteriori* da garantia é completamente coerente ao enunciado na "Proposta" de 1967, segundo a qual "o analista se autoriza a si mesmo a alguns outros".

Eu creio que nosso esforço nessa escola de psicanálise do campo lacaniano vai, em um primeiro momento, repousar sobre essas questões da formação do psicanalista e da transmissão.

Na carta da E.F.P. nº 15, Lacan precisa que ele nunca falou de formação do analista, mas de "formações do inconsciente".

Cada um deve articular-se em torno de seus próprios significantes, que suscitaram seu desejo de analista.

"O analista só se autoriza a si mesmo e a alguns outros". Trata-se de precisar o papel e a função dos "alguns outros" na formação e no reconhecimento, pois o "se autorizar a si mesmo" não é mais concebível enquanto tal se não como testemunho do desejo do analista que vem a se autorizar, a tomar a medida de seu momento subjetivo de báscula e que coloca em ato sua passagem ao discurso analítico.

O analista que se autoriza a si mesmo autoriza-se, de fato, do saber que ele adquiriu sobre seu gozo e da transformação que aí operou a análise. Esse "a si mesmo" não tem, então, nada a ver com o eu (*moi*). É um si mesmo que não se pertence mais.

A descoberta do fim da análise lacaniana pode-se enunciar nessa afirmação, em que o sujeito é causado, e não causa.

Da mesma maneira, pode-se dizer que o analista é causado. De onde "o analista só se autoriza a si mesmo" é uma fórmula completamente correlativa daquela de "destituição subjetiva" que Lacan emprega a respeito do fim da análise. Em um sujeito destituído de seus significantes S1 e S2, reconhece o que até aí organizava seu gozo e sua fantasia e encontra-se, assim, disso separado.

A garantia tem relação com uma formação. Desde então, a questão que se coloca para nós é saber quais são os A.R. que nós queremos para nossa escola e mesmo quais A.M.E., o que significa para mim que a questão da garantia não se limita a designação das A.M.E., mas que o passe é também uma questão que depende da garantia.

Comentando, em novembro de 1973, o que ele trazia em 9 de outubro de 1967, Lacan diz que o passe é como um "raio", o que evoca, me parece, essa emergência do desejo, enquanto ele se manifesta nessas formas que eu lembrei. Mas o programa proposto na proposta propriamente dita — "a acumulação da experiência", seu "repertório" e sua "elaboração", a "seriação de sua variedade", a "anotação de seus graus" —, é toda uma questão. Entretanto, o contexto de uma escola, onde um bom número de sujeitos ainda não terminou completamente com a agalma, não é sempre aquele de um lugar, onde a palavra em seus desequilíbrios, seus impasses ou seus sucessos seria entendida de maneira tal que nenhum veredito imaginário pudesse terminá-la, salvo um ato do sujeito em si.

Resta fazer com que ele exista e concluir, enfim. Então, o que vamos garantir na Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano? Para mim, é a questão central que determinará os primeiros passos de nossa escola, mas também seu futuro.

A instituição analítica — a escola — permanece incontornável, para garantir as modalidades e a ética da formação do analista em seu seio.

Traduzido por Leonardo de Assis

dominique fingermann

Mal criada, dizem alguns, enquanto outros insistem com um certo alento prudente e cuidadoso: nada feito; portanto, agora precisamos "fazer escola".

Com efeito, a "instituição", embora se situe num momento de concluir os trabalhos dos Fóruns, que duraram quase três anos, constitui apenas um começo no que diz respeito a um novo trabalho e a um novo tipo de responsabilidade: o trabalho de Escola, que, através da experiência dos cartéis e do trabalho relativo à garantia e à habilitação dos analistas, convida e convoca cada um no nível da sua relação mais autêntica com a psicanálise. Não está mais no tempo da indagação e do adiamento, temos hoje de responder praticamente à pergunta mais do que nunca renovada: como "fazer escola"?

"Fazer escola" é responder à provocação e à convocação lançadas pelo ensino de Lacan e por suas diversas propostas institucionais. No seu ensino, Lacan toma a palavra e nas suas propostas ele oferece a palavra aos analistas ("os que põem a coisa em prática"). Fazer escola então para cada um de nos é responder a esta provocação falando de, e a partir da práxis da análise e também responder à convocação, contribuindo para a constituição de um grupo capaz de ouvir o testemunho da passagem ao ato dos analistas. As duas tarefas são correlacionadas, cuidar da Escola que nós criamos é engajar na elaboração e transmissão daquilo que orienta a peculiaridade da nossa prática do Discurso Analítico, tanto quanto participar do grupo para que ele agüente a peculiaridade dessa transmissão.

Como fazer escola? Suportando o Discurso Analítico e o grupo dos analistas, na medida do possível.

elisabeth saporiti

Numa Paris extremamente bela, desta vez toda enfeitada para as festas natalinas, debaixo de uma temperatura de quatro graus negativos, com muito vento e neve, num ambiente extremamente requintado, num dos pontos mais tradicionais da Cidade Luz, os salões Hoche, bem perto do Arco do Triunfo,

no fim de uma tarde de domingo, dia 16 de dezembro último, deu-se a criação da nossa Escola: a Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano (EPCL). Éramos muitos. O clima era, sem dúvida, festivo. As mais variadas línguas se misturavam a sorrisos de alegria e de algum cansaço após as longas horas que passamos todos em reuniões e assembléias. Não pretendo entrar nos detalhes descritivos da organização dos eventos, uma vez que os colegas devem ter recebido os principais dados referentes às atividades, via Internet. Na verdade, três foram os momentos principais: primeiro, O *Seminário Internacional Espaço-Escola*, quando o texto redigido pelo Comitê Provisório foi amplamente discutido, tendo-se em vista as alterações que deveriam ser feitas para um aperfeiçoamento do mesmo que, como texto definitivo, seria votado na Assembléia Geral do dia 16.

Depois, o Colóquio sobre *O efeito didático da psicanálise*, que foi, a meu ver, de fundamental importância, pois os trabalhos aí expostos tratavam justamente de pontos teóricos e clínicos diretamente ligados aos fundamentos de uma Escola. Antonio Quinet e Rosângela Gorgozinho tiveram a oportunidade de apresentar trabalhos que despertaram interesse e questionamentos. O Brasil estava bem representado, mais uma vez.

O terceiro e último momento foi justamente o da *Assembléia da IF*, que culminou com a proclamação da criação da Escola, feita por Antonio Quinet. Pudemos, então, ouvir as palavras de Colette Soler a respeito de sua satisfação e nos dando um sucinto e comovido depoimento sobre a importância que este momento estava representando para todos nós. Discurso breve e claro que nos deixou a exata impressão de que, longe de podermos ver na criação da Escola um *happy end* apenas (pois sem dúvida também o foi), seria na verdade o marco de um "começar". Fomos todos convidados para comemorar a conquista num magnífico coquetel de confraternização, onde pudemos expressar nossa alegria e onde vários colegas tomaram a palavra para dar seus depoimentos. Ponto alto a não ser esquecido foi quando nossas colegas, sempre impecáveis nos pormenores, Andréa Bruneto e Alba, tiraram várias fotos para a posteridade, e aí todos vocês poderão constatar o clima vibrante do momento!

Bem, mas nem tudo foram rosas... Lamentei profundamente a não entrada (desta vez...) de alguns colegas que não apenas me inspiram profundo respeito e admiração pelo trabalho que sempre desenvolveram, mas especialmente pelo trabalho que foi feito aqui no Brasil, conosco, nos ajudando a refletir sobre qual Escola deveríamos querer. Os diálogos que

aconteceram nesses anos, a partir de 98, foram de fundamental importância para que pudéssemos nos colocar, pelo menos é como eu vejo a questão, com lucidez e de forma coerente e fundamentada no que diz respeito à nossa decisão pela Escola neste momento. E, logo agora, ELES não estão junto conosco nisso? Não sei até este momento, com exatidão, os motivos que os levaram a fazer essa escolha, talvez nem sejam, na verdade, os mesmos para todos... Mas continuo me perguntando "por que não explicitaram ali, no momento oportuno, suas razões?" Eles todos são para mim muito importantes para que eu me conforme com o acontecido pura e simplesmente! Devo dizer que espero ainda poder continuar nosso diálogo e, de preferência, se possível, dentro da Escola, um dia... Até lá, esperarei sem desanimar.

Bem, e para terminar, devo dizer que esta não foi a primeira Escola da qual participei da criação e que este fato traz seu peso e suas inevitáveis conseqüências. Meu otimismo e felicidade estão, desta vez, relativizados pela clara noção de algo que Charles S. Peirce, mais uma vez Peirce, foi muito feliz em colocar em palavras, ou seja, a criação de nossa escola é um ato que inclui um pensamento (a Escola que queremos) e

> (Um) pensamento é o que é, apenas pela virtude de se endereçar a um futuro pensamento. Este futuro pensamento, por sua vez, deverá ter um valor igual ao primeiro (pois será uma tradução dele) mas será mais desenvolvido. Assim, a existência de um pensamento depende do que vem depois (de suas (con)seqüências), de forma que por enquanto ele terá apenas uma existência potencial que vai depender do pensamento futuro (não de um único) mas de toda comunidade. (...) O significado de um pensamento depende das representações a que ele vai se conectar no "depois". Daí que esse significado será sempre virtual.

É assim que vejo e me implico na fundação da EPCL. Desejo a todos que possam pôr mãos à obra na construção da Escola que foi criada, que apresenta reais potencialidades para ser a Escola que Lacan propôs, adaptada porém, ao nosso momento e às nossas realidades, mas que, por enquanto, ainda é uma virtualidade.